

ComDev no mundo midiaticizado*

ComDev in the mediatized world

THOMAS TUFTE**

OSCAR HEMER***

RESUMO

No fim de 2011, nos encontramos no início de uma revolução que pode ou não ser mais abrangente que aquela vista em 1989. Um denominador comum nessa revolução é o poder mobilizador da mídia social. Mesmo que rótulos como revolução do *Twitter* ou do *Facebook* sejam refutados, a Primavera Árabe é um exemplo claro de um poder de comunicação sem precedentes, fora do controle das autoridades. Apesar do papel crucial da mídia e da comunicação nos processos de mudança social finalmente se tornar evidente, ele não está, contudo, associado ao campo da comunicação para o desenvolvimento. Ainda que esse campo historicamente tenha desenvolvido receitas normativas da comunicação *para* algum desenvolvimento, é hora da sua atenção voltar-se a processos de mudança deliberativos e não institucionais.

Palavras-chave: Globalização, midiaticização, desenvolvimento

ABSTRACT

In late 2011 we are in the beginning of a revolution that may or may not turn out to be more far-reaching than the one unleashed in 1989. A common denominator in this revolution is the mobilizing power of the social media. Even if labels such as the *Twitter* or *Facebook* revolution are refuted, the Arab Spring is a clear-cut example of an unprecedented communication power, out of the authorities' control. While the crucial role of media and communication in processes of social change at last becomes evident, it is however not associated with the field of communication for development. While that field historically has been about developing prescriptive recipes of communication *for* some development, it is time attention is refocused to the deliberative, non-institutional change processes.

Keywords: Globalization, mediatization, development

* Publicado originalmente na *Nordicom Review*, vol. 33, Número especial, p. 229-237, Jul. 2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.2478/nor-2013-0038>

** Professor de Estudos de Comunicação no Departamento de Comunicação, Negócios e Tecnologia de Informação da Universidade de Roskilde, Roskilde, Dinamarca. E-mail: ttufte@ruc.dk

*** Professor-Assistente e Coordenador Mestrado em Comunicação para o Desenvolvimento da Universidade de Malmö, Skåne, Suécia. E-mail: Oscar.Hemer@mah.se.

INTRODUÇÃO

QUANDO O MURO de Berlim foi derrubado, em 1989, todos soubermos que estávamos testemunhando a História acontecendo. Mas não sabíamos que processos de transformações globais que eram tanto causa quanto efeito do fim da Guerra Fria iriam, nas décadas seguintes, ser referidos como *Globalização*. O conceito foi cunhado, naquele mesmo ano, pelo sociólogo da cultura Roland Robertson (Robertson, 1992). No entanto, foi só em meados dos anos 90 que realmente pegou (Castells, 1996, 1997, 1998; Held et al. 1999). E permaneceu controverso por muitos outros anos, com forte posicionamento a favor e contra. Os céticos afirmavam ser apenas outro eufemismo para o capitalismo global neoliberal – não havia nada de novo nele. (Paradoxalmente, o movimento antiglobalização aparece, em retrospecto, como talvez a mais notável evidência da globalização.) Agora, a palavra perdeu sua antiga vantagem provocadora. Mesmo seus antigos oponentes fervorosos falam desapaixonadamente sobre a globalização como uma das condições para o desenvolvimento mundial.

No momento da elaboração desse artigo, no final de 2011, estamos no começo de outra revolução histórica – que pode ou não ser ainda mais abrangente do que a vista em 1989. Começando na Tunísia, onde foi espirituosamente batizada de *tunisami* conforme se espalhava para o Egito e pelo resto do mundo árabe. Governos ocidentais – e a mídia ocidental – foram tomados de surpresa. A mobilização social no Oriente Médio coincidia com uma nova crise financeira na Europa e nos EUA, e os protestos populares se espalharam até Grécia (*Aganaktismenoi*), Espanha (*Indignados*), através do Pacífico ao Chile (*Invierno chileno*), e chegou aos EUA (*Occupy Wall Street*). Alcançou também, em formas menos articuladas e destrutivas, o Reino Unido (*England riots*).

Um denominador comum nessa revolução ressurgente, que se mostrou capaz de derrubar três governos autoritários (na Líbia com a prestativa assistência dos antigos aliados ocidentais do recém-falecido general Gadafi), é o poder mobilizador da *nova*, assim chamada mídia social. Mesmo que rótulos como revolução do *Twitter* ou do *Facebook* sejam merecidamente refutados, a Primavera Árabe em andamento, que em alguns lugares se tornou verão, e em outros, outono, é um exemplo claro de um poder de comunicação novo e sem precedentes, que está amplamente fora do controle das autoridades. (E assim como os protestos ingleses, aparentemente sem outra razão específica além do próprio protesto, e em muitos casos atraindo reações diametricamente opostas da mídia ocidental.)¹ O que testemunhamos agora, em grande medida, são as consequências da globalização, mas igualmente, estão associadas a outro conceito, também elusivo e abrangente: *Midiaticização*.

1. Para uma análise aprofundada do duplo poder da mídia social, tanto em mobilizar em direção à democracia, quanto em oprimir, ver o trabalho da estudiosa de mídia americano-palestina e documentarista Helga Tawil-Souri.

É nesse contexto, da atualidade global, no qual as mobilizações sociais estão derrubando governos e mudando dinâmicas políticas (mesmo quando os governos permanecem no poder), no qual o papel da mídia social é celebrado tanto quanto é contestado, e no qual as dinâmicas fundamentais entre mídia e comunicação, cidadania e mudança social estão sendo reexaminadas.

COMDEV EMERGINDO NA REGIÃO ORESUND²

Quando começamos nossa colaboração, em 2000, no que se tornaria o programa internacional de mestrado baseado na internet em Comunicação para o Desenvolvimento na Universidade de Malmö, fizemos da globalização e da sociedade em rede emergente a base para uma análise renovada da comunicação e do desenvolvimento. Naquele momento, tudo associado com *desenvolvimento e terceiro mundo* era amplamente visto como obsoleto, e o campo da comunicação para o desenvolvimento, com seu auge pós-Segunda Guerra e um segundo impulso na década de 1970, estava em estado de crise e declínio. (Um colega nosso, que agora é um pesquisador proeminente no campo, foi educadamente aconselhado a buscar outra área para seu doutorado, já que comunicação para o desenvolvimento era supostamente um beco sem saída.)

A Comunicação para o Desenvolvimento (ComDev), como foi delineada e desenvolvida na Escola de Artes e Comunicação (K3) da Universidade de Malmö, *não* emergiu *a partir* do campo existente. Foi, em vez disso, resultado da junção de um ponto de vista dos *estudos culturais globais*, por um lado, e da perspectiva de um *profissional da mídia*, por outro. Um de nós tinha um histórico como escritor literário e jornalista, voltado à África e à América Latina e um interesse especial em questões sobre a globalização cultural; o outro havia recentemente finalizado seu doutorado em Sociologia Cultural, sobre como as mulheres no Brasil interpretam as telenovelas, e estava envolvido em um grande projeto de pesquisa sobre a Globalização na Universidade de Copenhagen³. Ambos tínhamos experiência de longa data por viver nos chamados países em desenvolvimento, além de conhecimento prático em cooperação para o desenvolvimento internacional.

O planejamento do primeiro curso de ComDev na Universidade de Malmö foi apoiado pela Agência de Desenvolvimento Internacional Sueca (Sida). O curso piloto era ministrado em sueco e voltado principalmente para jornalistas suecos (e dinamarqueses) e secretários de informação. A partir de 2002, entretanto, se tornou um programa internacional, ministrado totalmente em inglês, e recrutando estudantes de, literalmente, todo o mundo. O mestrado ComDev é agora um parte bem estabelecida da Universidade de Malmö, com até o momento quase 150 pós-graduados, um enorme corpo de conhecimento

2. Região entre a Dinamarca e a Suécia. (N. do T.)

3. O projeto, liderado por Stig Hjarvard, ocorreu entre 1999 e 2001 e resultou em diversas publicações.

e experiência acumulados, e um número recorde de novos estudantes matriculados e inscritos.

Em Roskilde, a pesquisa em comunicação para o desenvolvimento evoluía esporadicamente desde a década de 1980. O fato de que a RUC estava sediando o maior programa de pesquisa em estudos de desenvolvimento na região nórdica e o maior programa de estudo de comunicação na Dinamarca indicava um futuro promissor. A partir do começo da década de 2000, os cursos mais explicitamente envolvidos com a ComDev foram oferecidos e um número crescente de estudantes conectou análises da comunicação e desenvolvimento em seus trabalhos de tese. Cerca de 40-50 teses na última década se voltaram à direção da comunicação para o desenvolvimento e a mudança social.

Em 2005, coeditamos a antologia *Media and Glocal Change*, que desde então serviu como uma leitura fundamental para os estudantes de mestrado, não apenas em Malmö e Roskilde, mas em muitas das ainda relativamente poucas universidades ao redor do mundo que oferecem cursos em comunicação para o desenvolvimento e mudança social. O livro foi lançado simultaneamente com a criação, em Los Baños, Filipinas, da primeira Rede Universitária internacional no campo, com Malmö e Roskilde como dois dos doze membros-fundadores⁴. A revista online do mestrado ComDev, *Glocal Times*, foi lançada em conjunto com a antologia *Media and Glocal Changes* em 2005, com a intenção de se tornar “uma referência digital indispensável e um fórum vívido para a discussão e disseminação de questões sobre comunicação para o desenvolvimento e a mudança social”. Com suas até agora 16 edições, *Glocal Times*, de fato, se estabeleceu como um pilar indispensável da empreitada ComDev. Muitos dos estudiosos e praticantes de renome do campo figuram entre seus colaboradores, e a revista online, que a partir de agora toma passos importantes para se tornar um periódico científico aberto, serviu como fórum para os pós-graduandos do Mestrado de Malmö e Roskilde com orientação ComDev apresentarem suas teses a uma audiência global.

Igualmente importante na região foi a emergente *pesquisa*, no campo mais amplo da comunicação, cultura e mudança social. A partir de 2000, tanto pequenos quanto grandes projetos foram realizados em áreas como a comunicação para a saúde (Tufte, 2006 e no prelo/2012), cultura; memória e mudança social (Hemer, 2008 e 2001; Høg Hansen, 2006 e 2008); comunicação participativa (Tufte e Mefalopulos, 2009); mídia social (Gansing, 2007; Wildermith, 2010a; Ekström, Høg Hansen e Boothby, 2011); comunicação, cidadania e empoderamento (Navarro, 2009 e 2011; Tufte e Enghel, 2009; Wildermuth, 2010b), gênero sexual, comunicação e cultura popular (Andreassen, 2005; Ekström, 2010), celebridades e auxílio ao desenvolvimento (Richey e Ponte, 2011).

4. A rede enquanto tal não está mais em operação, contudo o encontro de Los Baños serviu para iniciar uma colaboração informal, mas continuada, entre muitos participantes, por exemplo, o intercâmbio de pessoal e desenvolvimento de curso com a Universidade de Guelph no Canadá.

O que começou como colaboração interpessoal ao longo do estreito de Öresund, que separa a Suécia da Dinamarca, se associou a um ambiente de pesquisa e, desde 2008, foi institucionalizado no Ørecomm, uma plataforma transnacional estabelecida pelas universidades de Malmö e Roskilde, mas servindo como comunidade de investigação transnacional, oferecendo suporte e buscando colaborações em projetos de pesquisa, conferências e seminários, assim como no ensino e parcerias com profissionais. Hoje nossa comunidade é composta por cerca de 25 membros, dos quais dez são estudantes de doutorado. Assim, também começamos a ver os contornos do que, esperamos, possa se desenvolver como um programa transnacional de doutorado no campo⁵.

COMDEV ENTRE A MUDIATIZAÇÃO E A GLOBALIZAÇÃO

Em retrospecto, nossos doze anos de colaboração parecem ser uma história de sucesso. Mas o Mestrado ComDev em Malmö e a emergente colaboração em pesquisa inter-regional foram, de fato, resultado de uma série de circunstâncias felizmente coincidentes. Da mesma forma que a Globalização ocorreu, de acordo com Castells, não por determinismo histórico – como Marxistas ou Liberais vitoriosos afirmariam – mas na verdade por conta do *acaso*.

É um importante e intrigante ponto, que o mundo poderia ter acabado bem diferente. E, em consequência, que pode – e provavelmente irá – ser muito diferente daqui a doze anos. A década de 1990 foi delimitada por dois eventos marcantes na Europa e nos EUA: a queda do Muro de Berlim em 89, e o 11 de setembro de 2001. A primeira década do novo milênio foi marcada pela Guerra ao Terrorismo, mas ainda mais importante, pela ascensão de novos poderes econômicos (Brasil, Rússia, Índia e China). Em termos de comunicação, a transformação dos anos 90 continuou em ritmo ainda mais acelerado. A revolução digital é talvez o mais próximo a que chegemos de uma revolução permanente. Todos os setores da cultura e sociedade estão saturados com, e cada vez mais influenciados pela, comunicação mediada. Para a ComDev, a midiaticização, como a globalização, cada vez mais desafia nossa pesquisa e agenda de estudo. Quais são as relações causais entre o desenvolvimento da mídia, a agência e a mudança social? E como estudamos essas dinâmicas? Essas são questões-chave para Ørecomm. A mídia influenciando a sociedade não é, em si, um fenômeno inédito – nem uma ideia nova. Dependendo de como definimos “a mídia”, ela pode retroagir até a *Poética* de Aristóteles, ou pelos menos até a teoria de mídia de Marshall McLuhan dos anos 1960, com citações marcantes como *o meio é a mensagem*. Entre os estudiosos da ComDev, Jesús Martín-Barbero foi o primeiro a fazer uso sistemático do conceito de *mediação* (1993), desenvolvendo um enquadramento analítico profundo – mapa noturno, como ele chama – para

5. Como pode ser visto nos exemplos acima e na sequência da discussão, nossa (re)definição desse campo é muito mais ampla do que a compreensão tradicional da comunicação para o desenvolvimento. Essa reorientação é, acreditamos, uma explicação importante para o sucesso da ComDev.

estudar as relações entre as subjetividades, as trajetórias culturais e a cultura popular, e o uso da mídia nesse contexto, movendo, dessa forma, o foco das análises midiocêntricas da mídia e sociedade, para centrar-se na mídia e em seu uso cotidiano. Martín-Barbero foi o principal expoente da valiosa pesquisa dos estudos culturais latino-americanos que surgiu a partir dos anos 1980. Teve muitas similaridades com os estudos culturais que emergiram no Reino Unido ao mesmo tempo, ambas as tradições precederam à atual proliferação de estudos sobre a midiaticização que foram deflagrados pela crescente onipresença da mídia não apenas nas práticas culturais das pessoas comuns, mas também nas lógicas e práticas de organizações e instituições na sociedade. Na descrição do atual projeto de pesquisa *Mediatized Worlds*, os pesquisadores alemães de mídia Friedrich Krotz e Andreas Hepp descrevem, portanto, a midiaticização como “*um processo de desenvolvimento compreensivo similar à globalização e à individualização*” (www.mediatizedworlds.net)⁶. De fato, globalização e midiaticização estão, é claro, inseparavelmente enredadas. O que vemos agora, podemos dizer, são os efeitos sinérgicos desses dois processos entrelaçados. Em sua trilogia sobre a Sociedade em Rede, Castells curiosamente não teve muito a dizer sobre a mídia e a comunicação em particular. Em *O Poder da Comunicação* (2009), sua continuação à trilogia, entretanto, ele realmente coloca a comunicação em foco como a chave para a política, a economia e todos os campos de interação humana na sociedade em rede, afirmando que “*o poder na sociedade em rede é o poder da comunicação*”. Consequentemente, para a ComDev, permanece o desafio de compreender o papel da mídia e o poder da comunicação nos níveis meta, meso e micro na sociedade. Remete-nos às preocupações clássicas das relações causais entre mídia e comunicação, por um lado, e a mudança social e cultural por outro. Os processos de globalização e midiaticização estão no centro de tais análises.

6. Para um panorama compreensivo da área emergente de estudo, ver Couldry, Hepp e Krotz 2010.

O desenvolvimento também está fazendo seu retorno triunfal, nos últimos tempos, depois de ter sido questionado e rejeitado tanto por neoliberais quanto por antiliberais. Na atual crise financeira global – que é principalmente uma crise da América do Norte e da Europa Ocidental – testemunhamos o que o sociólogo Jan Nederveen Pieterse (2008) descreveu como a implosão do modelo neoliberal anglo-americano e o retorno do estado de desenvolvimento (não necessariamente democrático). Isso sem dúvida terá enormes implicações para a cooperação de desenvolvimento internacional. A indústria de desenvolvimento bilateral e multilateral, até recentemente dominada pelas potências Ocidentais e pelo Japão, agora é emaranhada e desafiada pelos novos modelos para o desenvolvimento social e econômico, aos quais os países pobres aspiram. A China, a Índia e, em grau menor, mas possivelmente crescente, o Brasil, são

os modelos abrangentes. Com a recente entrada da China como um poderoso ator no cenário do desenvolvimento africano, oferecendo enormes concessões e investimento, e sem nenhuma condicionalidade desagradável, exceto o acesso à extração de recursos naturais, a economia política, lógicas e dinâmicas políticas da indústria do desenvolvimento estão fundamentalmente mudando. Dessa forma, o desenvolvimento entrou novamente em cena, mas de formas novas e transformadas.

AGENDAS EMERGENTES PARA O CONHECIMENTO EM COMDEV

A proeminência renovada tanto da comunicação quanto do desenvolvimento, devido à combinação de globalização e midiaticização deveria implicar um novo impulso para a comunicação para o desenvolvimento. Os desenvolvimentos intensos da mídia, o bastante difundido ativismo político, as redes de defesa transnacional, em plena ascensão de uma gigantesca *ação* de baixo para cima, representam novos desafios para a nossa conceitualização da ComDev. O ambiente em mudança da indústria de desenvolvimento, como descrita acima, também apresenta novos desafios tanto aos pesquisadores quanto aos profissionais.

É fácil prever que o mundo terá de enfrentar, nos próximos anos, desafios mais severos e complexos de comunicação, com os quais os atuais agentes de desenvolvimento não estão adequadamente preparados para lidar. Um desafio central nesse campo deve ser, de fato, ultrapassar o obstáculo da própria indústria do desenvolvimento. Os agentes ocidentais tradicionais de desenvolvimento estão se habituando ao novo ímpeto de desenvolvimento e mudança social – aqueles que são conduzidos por movimentos sociais de todos os tipos, iniciativas de base e de baixo para cima, que na maioria dos aspectos operam muito diferentemente das tradicionais organizações de desenvolvimento, sejam elas governamentais ou não.

Paradoxalmente, o papel da mídia e da comunicação na cooperação em desenvolvimento presenciou uma estranha guinada depois do primeiro Congresso Mundial sobre Comunicação para Desenvolvimento, ocorrido em Roma em 2006 e coordenado pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), pelo Banco Mundial e pela Communication Initiative, em parceria com uma ampla vertente de organizações importantes do campo. O encontro em Roma conseguiu mobilizar quase mil participantes da pesquisa e da prática, governamentais e não governamentais. Seu intuito era marcar uma ruptura definitiva na ciência e na prática da ComDev. Ao invés disso, o que aconteceu teve mais o caráter de uma implosão do campo da ComDev, que apenas recentemente começou a ganhar novo impulso.

Hoje, estamos vendo uma extensa série de novas iniciativas institucionais no mundo da ComDev, tanto em práticas quanto no desenvolvimento curricular da universidade. Por exemplo, a UNICEF recentemente revisou sua estratégia de ComDev e seu trabalho, clamando por uma conexão mais forte com as universidades e desenvolvendo uma capacidade bastante difundida dentro de sua própria organização global. No nível universitário, novos mestrados em ComDev se desenvolveram em lugares como Albânia, África do Sul, Quênia, Espanha, Paraguai, Reino Unido e Colômbia – todos nos últimos três anos. O campo está finalmente se tornando significativamente mais institucionalizado no mundo acadêmico, apesar de ainda ter dificuldade em encontrar sua identidade entre os estudos de mídia e de comunicação, por um lado, e os estudos culturais, a ciência política e, não menos importante, os estudos do desenvolvimento em alguns dos outros lados. A interdisciplinaridade envolvida na ComDev, combinada com os processos delineados na globalização, na midiaticização e a proliferação da ação de baixo para cima contribuem para colocar a ComDev em uma encruzilhada.

7. Também são um desafio para os estudos de Cultura e Mídia, que nas últimas décadas tendem a focar as audiências e a recepção – como as pessoas interpretam a mídia, mas não tanto sobre como fazem uso dela para a ação política e social.

8. O termo provém dos tempos da Guerra Fria, da liberação pós-colonial e da formação do movimento dos países não alinhados. O primeiro mundo era a Europa Ocidental, a América do Norte, a Austrália e o Japão, ou seja, mais ou menos o mundo liberal capitalista. O segundo mundo era o mundo socialista da União Soviética e seus satélites orientais. O terceiro mundo era composto pelo *resto*, misturando países completamente diferentes como México, Arábia Saudita e Papua Nova Guiné – e as duas Coreias! (A Coreia do Sul ainda era vista nos anos 70 como parte do terceiro mundo). E tanto a China quanto a Índia, é claro.

A midiaticização e a recorrente mobilização social por meio de novas mídias estão no âmago das questões que desafiam o campo da ComDev⁷. Tradicionalmente, as comunicações para o desenvolvimento foram associadas a grandes instituições, bilaterais ou multilaterais, e/ou a pequenas ONGs que trabalham próximas a ou são completamente dependentes dessas instituições maiores. Agora, esse *espaço que incita a participação*, que as práticas institucionalizadas de ComDev ofereceram aos cidadãos, está sendo severamente desafiado pelos espaços impulsionados pelos cidadãos, ou o movimento de mídia social, como o estudioso John Downing descreve-os (Downing, 2010).

Ainda que a participação tenha sido o termo em voga mais notável – *comunicação participativa* – a ação permaneceu amplamente nas instituições e organizações que *convidaram* os cidadãos a participar, se mobilizar e atuar. A finalidade de iniciativas de comunicação estratégica pode, no fim das contas, estimular a atividade de base – mas quando a iniciativa vem realmente da própria base, os agentes de desenvolvimento são, muitas vezes, surpreendidos. O ano de 2011 foi paradigmático nesse sentido. A compreensão ainda comum da ComDev como intervenções de comunicação estratégica por agentes de desenvolvimento do mundo desenvolvido – ou seja, Ocidente + Japão – em países em desenvolvimento, ainda referidos como de terceiro mundo⁸ – é obviamente obsoleta. O conceito já era ultrapassado em 1989, com o fim da Guerra Fria. Mas a antiga concepção de Comunicação para o Desenvolvimento – como meio de atingir um desenvolvimento, ou seja, a modernização, através da comunicação, quer dizer, campanhas de informação para a difusão das

melhores práticas em agricultura, saúde, saneamento etc., nos países em desenvolvimento – largamente prevalece. Nas principais conferências internacionais de mídia e estudos de comunicação, IAMCR, ICA, ECREA, ALAIC etc., a relação entre mídia social, cidadãos/cidadania e mudança social tem estado bastante em foco na maioria das conferências recentes. Porém, a maior parte dessas discussões, que estão no centro do que estivemos fazendo em Malmö e Roskilde nos últimos doze anos, não são associadas com a ComDev. Isso ficou muito claro, por exemplo, na conferência da IAMCR *Cities, Creativity, Connectivity (Cidades, Criatividade, Conectividade)* em Istambul, em julho de 2011. Embora o papel crucial da mídia e da comunicação em processos de mudança social e desenvolvimento tenha, pelo menos, se tornado evidente, é paradoxalmente não associado com o campo da comunicação para o desenvolvimento e a mudança social, com algumas poucas exceções, nem mesmo pelas próprias agências de desenvolvimento.

Como estudiosos e praticantes de ComDev, temos um problema de comunicação aqui. Mas não é apenas um problema de comunicação. Esse campo está em estado de crise. E deveria estar. Porque estamos lidando precisamente com processos transnacionais da atualidade global, em todos os setores da sociedade e em todos os níveis. E talvez o desafio para nós, neste momento, seja dar um passo para trás e refletir, analisar e entender, mais do que impor estratégias de desenvolvimento. Embora a ComDev, historicamente, tenha lidado com receitas normativas de desenvolvimento da comunicação *para* algum desenvolvimento, é chegada a hora de reorientar nossa atenção aos processos de mudanças deliberativos, não institucionais, dirigidos pelos cidadãos, que são repletos de usos da mídia e práticas de comunicação, mas que emergem da reação profunda e muitas vezes desesperada dos cidadãos a essa *atualidade* global. E devemos nos tornar melhores em definir nosso campo e resguardar nosso espaço dentro da cultura, da mídia e da pesquisa de comunicação em geral.

CONCLUSÃO

A Comunicação para o Desenvolvimento não é uma disciplina exclusivamente acadêmica no sentido tradicional, apesar de também estar no processo de se estabelecer como tal. Preferimos descrevê-la como um *campo multidisciplinar de teoria e prática*. E há, mais do que nunca, uma necessidade de trans- ou interdisciplinaridade, algo que retardou a institucionalização do campo nas universidades do mundo inteiro.

Devemos ter em mente que a força motivadora por trás dos levantes, no Oriente Médio e em outros lugares, é a insatisfação e a frustração com as realidades básicas da pobreza, do desemprego e direitos humanos

subjugados. Os desafios do desenvolvimento, a exclusão de muitas pessoas dos processos de desenvolvimento, estão no cerne do que está ocorrendo globalmente agora mesmo.

Estamos vendo uma remodelagem dos ambientes de mídia – as *paisagens midiáticas*, para usar o termo do antropólogo indo-americano Arjun Appadurai (1996) – na qual *velhas e novas* mídias convergem em formas em contínua mudança, radicalmente transformando as arenas da opinião pública e a agência – redefinindo o próprio conceito da esfera pública – e trazendo novas formas de expressão que ultrapassam as antigas fronteiras de gênero e mídia.

Além disso, devemos estar cientes que o novo poder da comunicação também pode ser usado para finalidades destrutivas. Nos últimos tempos, desde 22 de julho de 2011, o foco – pelo menos na Escandinávia – tem sido, em grande medida, no que pode ser chamado de lado negro da midiaticização: a mistura de discurso de ódio anônimo, racismo e xenofobia em certos sites da internet que agressivamente estimulam o fundamentalismo de direita por toda a Europa. Do mesmo modo que a proliferação da nova mídia destaca a abertura e expande as perspectivas daqueles que já têm uma mente aberta, pode também servir para tornar mais estreitas às daqueles mais limitados. O massacre de adolescentes engajados politicamente na ilha norueguesa de Utøya demonstrou a tênue linha entre as visões de mundo completamente distorcidas das comunidades online, e as ações criminosas, como as tomadas por um autodenominado Cruzado⁹.

Na conclusão do painel sobre a “Nova Mídia no Oriente Médio” na conferência da IAMCR em Istambul, em 2011, Marwan Kridy do Líbano, que é tanto pesquisador de mídia quanto especialista no Oriente Médio, associou a atual moda da mídia social com a alegoria de Platão sobre a caverna – ou seja, a noção que estamos presos em uma caverna vendo o mundo real, ou o mundo de ideias, meramente como sombras projetadas na parede da caverna.

Encontramos na caverna digital uma útil metáfora para o paradoxo desse momento histórico que nenhum de nós é capaz de compreender. Apesar de ser importante para nós como pesquisadores da ComDev sair da caverna – também é importante examinar e entender os mecanismos que dão forma e mantêm essa caverna virtual. **M**

REFERÊNCIAS

- Andreassen, Rikke. *The mass media's construction of gender, race, sexuality and nationality: An analysis of the Danish news media's communication about visible minorities from 1971-2004*. Diss. Toronto: University of Toronto, 2005.
- Appadurai, Arjun. *Modernity at large: cultural dimensions of globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

9. Ver, por exemplo, o comentário de Thomas Hylland Eriksen no evento “Anders Behring Breivik: Tunnel vision in an online world”, *The Guardian*, 25 de julho de 2011.

- Castells, Manuel. *The information age: economy, society and culture*. Vol. 1-3. Malden, Mass.: Blackwell, 1996-1998.
- . *Communication power*. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- Couldry, Nick; Hepp, Andreas e Krotz, Friedrich (ed.). *Media events in a global age*. London: Routledge, 2010.
- Ekström, Ylva. “We are like chameleons!”: *changing mediascapes, cultural identities and city sisters in Dar es Salaam*. Diss. Uppsala : Uppsala universitet, 2010.
- Ekström, Ylva; Høg Hansen, Anders e Boothby. The Globalization of the Pavement – a Tanzanian case study. *Communication for Development Portal*, 1 March 2011.
- Gansing, Kristoffer. *Community New Media – Beyond ‘Dissolutionized’ Dissent*. University of Amsterdam, Institute of Network Cultures, 2007.
- Held, David; Goldblatt, David; McGrew, Anthony e Perraton, Jonathan (eds.). *Global transformations: politics, economics and culture*. London: Polity Press, 1999.
- Hemer, Oscar; Tufte, Thomas (eds.). *Media & glocal change: rethinking communication for development*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO) ; Göteborg: Nordicom, 2005.
- Hemer, Oscar. Memories of a Modernity-to-be: some reflections on South Africa’s unresolved dilemma, in Lindblad, Johanna (ed.). *The poetics of memory in post-totalitarian narration*. Lund: Center for European Studies, Lund university, 2008.
- . *Writing Transition: Fiction and Truth in South Africa and Argentina*. Diss. Oslo: Department of Social Anthropology, University of Oslo, 2011.
- Høg Hansen, Anders. Mapping space, conflict and identity. *Glocal Times*, n. 6, 2006.
- . Memorial and memory politics in Hamburg and Haifa, in Terho, Henri (ed.) *Power and Culture: New Perspectives on Spatiality in European History*. cliohres.net, 6th Framework Programme, 2008.
- Navarro, Dora. Transforming public space: a local radio’s work in a poor urban community, in *Development in Practice*, vol. 19, Ns. 4-5, June 2009.
- . Transformando el espacio público. El trabajo de una radio local religiosa en una comunidad urbana marginal, in Peruzzo, Cecilia M. Krohling; Thomas Tufte e Casanova, Jair Vega (eds). 2011. *Trazos de una otra Comunicación en América Latina: practicas comunitarias, teorías y demandas sociales*. ALAIC y Ediciones Uninorte, Barranquilla, Colombia, 2011.
- Nederveen Pieterse, Jan. Globalization the next round: Sociological perspectives. *Futures*, vol. 40, n. 8, 2008. DOI: 10.1016/j.futures.2008.02.005
- Martin-Barbero, Jesús. *Communication, Culture and Hegemony. From the Media to Mediation*. London: Sage, 1993.
- Richey, Lisa Ann; Ponte, Stefano. *Brand aid: shopping well to save the world*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2011.
- Robertson, Roland. *Globalization: social theory and global culture*. London: Sage, 1992.

D

ComDev no mundo midiaticizado

- Tawil-Souri, Helga. *Digital Occupation: Infrastructures as Borders in Palestine/Israel*, em desenvolvimento.
- Tufte, Thomas. Your future gets stuck! Challenges for HIV/AIDS communication. *Media Development*. London: WACC, 2006.
- Tufte, Thomas; Mefalopulos, Paolo. *Participatory Communication*. World Bank, 2009.
- Tufte, Thomas; Enghel, Florencia (eds.). *Youth engaging with the world: media, communication and social change*. Göteborg: International Clearinghouse on Children, Youth and Media, Nordicom, University of Gothenburg, 2009.
- Tufte, Thomas. Mediapolis, human (in)security and citizenship communication and glocal development challenges in the digital era”, in Christensen, Miyase; Jansson, André e Christensen, Christian (red.). *Online territories: globalization, mediated practice, and social space*. New York: Peter Lang, p. 113-131, 2011.
- . *Communication and Public Health in a Glocalized Context: Achievements and Challenges*. In: Obregon, Rafael; Waisbord, Silvio (eds.). *Handbook on Global Health Communication*. London: Blackwell-Wiley, no prelo.
- Wildermuth, Norbert. Empowerment: the real challenge of digital inclusion, in Drotner, Kirsten; Schröder, Kim Christian (red.). *Digital content creation: perceptions, practices, & perspectives*. New York: Peter Lang, 2010a.
- . Media events and gendered identities in South Asia: Miss World going “Deshi”, in Couldry, Nick; Hepp, Andreas e Krotz, Friedrich (ed.). *Media events in a global age*. London: Routledge, 2010b.

Artigo recebido em 15 de janeiro de 2014 e aprovado em 16 de março de 2014.